

Em que os candidatos concordam

Ricardo A. Setti

Os últimos dias têm proporcionado aos eleitores brasileiros um variado cardápio de eventos de pendurados na eleição presidencial de 15 de novembro. O vasto menu vai do aplaudidíssimo discurso-plataforma do senador Mário Covas, no plenário do Senado, ao beijão do favorito Fernando Collor de Mello aos reis da Espanha, da confusão do PT que se emaranha na novela da escolha de seu vice até a densa melancolia que cercou a oficialização do ex-vice-presidente Aureliano Chaves como candidato do PFL. Em amplitude e significação, porém, a taça ficou com um evento ocorrido em Curitiba, sob o patrocínio das principais entidades empresariais do Paraná e do Bamerindus.



Ali, cerca de 600 empresários assistiram, durante um dia e meio, a um desfile de presidencialáveis, até agora não conseguido por nenhum outro evento do gênero em qualquer parte do país: dos 11 candidatos ou candidatas, oito compareceram para expor suas idéias diante de boa parte dos *entrepreneurs* responsáveis pela marcha de uma economia vigorosa, que alguns especialistas já admitem possa ser a segunda maior do país, depois da paulista, até o final do século. Não mostraram o ar de sua graça, além de Collor, às voltas com seu périplo europeu, o doutor Ulysses Guimarães, que aquela altura tentava em vão impedir o colossal vexame em que se transformaria o Encontro Nacional de Prefeitos do PMDB, em Foz de Iguaçu, e o candidato do PL, deputado Guilherme Afif Domingos, chateado porque só conseguiu atrair um pequeno punhado de empresários para a última reunião do mesmo tipo a que comparecera em Curitiba.

Apesar das ausências, o evento, por si só, já chamaria a atenção, como de fato chamou, inclusive pelas inevitáveis trivialidades — uma vez mais, por exemplo, o ex-deputado Paulo Maluf, do PDS, tirou os sapatos para mostrar que efetivamente usa a marca que anuncia na televisão. O que valeu, é claro, foram os projetos e intenções expostos, e as dúvidas e críticas recebidas pelos expositores. Mas, um exame mais cuidadoso e de corpo presente da intensa maratona de mais de 15 horas de debates permite comparar melhor os candidatos e verificar que, apesar do foguetório constantemente despejado por uns contra outros, já existe uma considerável, surpreendente área de consenso a aproximá-los, em torno dos seguintes pontos:

O descrédito dos políticos: do deputado Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ao ex-governador Leonel Brizola, do PDT, do líder ruralista Ronaldo Caiado (batalhando, ainda, para ter a legenda do PDC) ao aspirante a presidencial pelo PTB Affonso Camargo, todos os candidatos estão plenamente conscientes do buraco negro em que se transformou a falta de credibilidade das lideranças e instituições civis, dos perigos que representa e da necessidade de reverter o quadro. Brizola chegou a dizer que em seus 40 anos de vida pública nunca viu políticos tão "ordinários" como os que hoje atuam na vida brasileira. O senador Mário Covas, do PSDB, foi muito aplaudido ao apontar o caminho que vê para enfrentar o dragão: o exemplo. Um presidente que dê exemplo de caráter, dignidade e trabalho, disse Covas, vai contaminar positivamente o país.

O repúdio à tecnocracia: a verdadeira fúria sagrada das críticas que todos os oito presidencialáveis dirigiram aos tecnocratas emperradores fazem supor que a classe, Brasília e tudo o que a "ilha da fantasia" representa deverão

passar um mau pedaço no próximo quinquênio presidencial.

O combate à corrupção: além das esperáveis promessas, os candidatos — que não tinham conhecimento do conteúdo da fala de seus concorrentes — convergiram para a mesma idéia de que, ao invés de plataforma de governo, a honestidade tem que ser um pressuposto elementar a qualquer candidatura. Trata-se de uma forma de alfinetar Collor e sua plataforma monotemática, mas não se pode desprezar a importância da postura ética aí embutida. Mais enfáticos nessa linha foram Covas e Aureliano Chaves, do PFL. Maluf, que o Brasil de hoje transformou de vidraça em estilingue, moveu-se nesse terreno com divertida desenvoltura.

O respeito à propriedade privada: o calor do forno de microondas ideológico que foi a Constituinte parece fadado a amainar na campanha presidencial. Covas quer, como já dissera no Senado, dar um "banho de capitalismo" no país. Brizola brincou: "A propriedade privada é tão boa que nós a queremos para todos." Lula pretende melhorar a distribuição de renda via salários, dando vigor ao mercado interno. Até o comunista Roberto Freire, ao fazer um exercício de ficção sobre como seria um seu governo, prometeu não confiscar terras para a reforma agrária e reservou um forte espaço para a economia de mercado em sua plataforma.

A questão da dívida externa: as fórmulas são muitas, mas há um fortíssimo consenso de que não se pode pagar a dívida da forma como vem fazendo o atual governo. A sangria de recursos precisa ser estancada para o país poder investir em seu crescimento. Nenhum dos oito candidatos concorda com o atual trato da questão. O pagamento com deságio, ou seja, pelo valor de mercado da dívida, tem o apoio de gente tão diferente como Maluf e Covas, Ronaldo Caiado e Brizola. Parece fora de questão que o futuro presidente da República vai virar as atuais regras do jogo, e nisso arremessar o peso de 35 ou 40 milhões de votos.

A questão do Estado: varia o diagnóstico, é diverso o remédio proposto, mas ficou claro que ninguém está satisfeito com o Estado que temos e a forma como é gerido. Aureliano falou em "doença grave e terapêutica dolorosa". Covas quer tirá-lo da gestão direta e fazê-lo um formulador de políticas. Affonso Camargo imagina empresários dirigindo empresas estatais, para torná-las mais produtivas. Caiado quer encolher o papel do Estado na produção e restringir seu poder de regulamentação. Brizola promete mexer nas estatais, privatizar quando for o caso e colocá-las sob o crivo de conselhos de consumidores. Roberto Freire acha que o Estado, no país, está a serviço de grupos privados, e quer redirigi-lo em benefício do público.

A cena internacional: uma surpreendente consciência do estado atual das coisas do mundo — a nova divisão internacional do trabalho, a criação dos blocos econômicos avançados na Europa-92, na América do Norte, na Ásia do Japão e dos "Tigres", a prioridade que se deve conceder à corrida tecnológica, a necessidade de abrir o país — esteve presente nos discursos feitos e nas discussões mantidas pelos oito candidatos. O eixo do debate presidencial, felizmente, decola rumo ao Primeiro Mundo.

É claro que as áreas de divergências entre os presidencialáveis são maiores do que o território de consenso. Seria ingenuidade de escola maternal supor um cenário diverso. O evento de Curitiba, porém, mostra que talvez seja possível ao futuro presidente avançar em terrenos difíceis com a concordância dos que terão sido derrotados ao final da campanha. Para um país de 120 milhões de técnicos de futebol, de 120 milhões de economistas e, nos amargos dias atuais, de 120 milhões de céticos, não deixa de ser uma boa perspectiva.